

## Biografia de Geraldo Coelho de Jesus

Geraldo Coelho de Jesus, amigo e companheiro de Fernando Pessoa em vários projetos, nasceu a 5 de dezembro de 1887, na freguesia dos Anjos, em Lisboa. Sendo o filho mais novo (o décimo) do farmacêutico José Bento Coelho de Jesus, a sua relação com o sobrinho José Coelho de Jesus Pacheco, nascido em 1894, foi sempre bastante próxima.

Em 1900, Geraldo teria 13 ou 14 anos e morava na Rua de Sto. Antão, em frente ao Coliseu, quando morre o seu irmão José, apenas com 17 anos. Pouco tempo depois falece o pai, em 1906. Nessa altura Geraldo, com 19 anos, provavelmente estaria a estudar Engenharia de Minas, apesar de não ter sido possível apurar que escola terá frequentado.



Geraldo Coelho de Jesus, 1899

A amizade de Geraldo e Fernando Pessoa poderá ter começado enquanto ainda jovens, pois sempre se trataram pelo primeiro nome, uma forma não muito habitual para os homens dessa época. Tal como a família de Pessoa, a família Coelho de Jesus alugava uma casa de férias em Pedrouços. Em 1901, a família de Pessoa, na altura vivendo na África do Sul, veio de visita a Portugal, instalando-se numa casa perto da Rua de Pedrouços, muito próxima da casa das tias-avós de Pessoa na Rua de Pedrouços, nº 45 r/c. Numa lista de Pessoa, de 1912, Geraldo surge como credor de Pessoa com a morada Pateo do Barbosa, 8, Pedrouços. Esta morada, agora um parque de estacionamento, ficaria apenas dois minutos a pé da casa das tias de Pessoa<sup>1</sup>. Geraldo tinha perdido o irmão mais próximo recentemente e será possível pensar que os dois jovens se tenham encontrado em Pedrouços em 1901, com 13 e 14 anos, e formado uma amizade duradoura.

Geraldo Coelho de Jesus apresentava-se como Engenheiro, Industrial, ou Administrador de Empresas e trabalhou em várias áreas. Provavelmente anterior a 1913, o verso dum envelope no espólio de Pessoa identifica «G. Coelho de Jesus, AUTOMÓVEIS; LISBOA» como remetente<sup>2</sup>. Em 1916, Geraldo trabalha na Fábrica Metalúrgica do Lumiar como Gerente técnico, (ou “Engenheiro Director” como consta na carta que assina em defesa de Da Cunha Dias)<sup>3</sup> tendo sido dispensado em princípios de 1918. Em 1917 foi sócio de Pessoa e Ferreira Gomes na firma «F. A. Pessoa – escritório de representações», extinta em maio de 1918.

A partir de 1918, parece dedicar-se à escrita, tendo assinado, a 1 de novembro, o artigo «Problemas Económicos» e, em 27 novembro, o artigo «Bases para um Plano Industrial» no jornal *O Tempo* de Lisboa. Já em 1919 surge como diretor do jornal *Acção*, de pendor sidonista, onde o redator principal (e único) era Fernando Pessoa. Este jornal seria o “órgão oficial” do chamado Núcleo de Acção Nacional (NAN). É provável que, além de Geraldo Coelho de Jesus e Fernando Pessoa, fizessem parte do grupo Augusto Ferreira Gomes e Soares Franco. Este último era proprietário das Minas de Porto de Mós (Sociedade das Minas de Porto de Mós, Lda.) de que Geraldo Coelho de Jesus era administrador. É para essa morada que, em agosto de 1919, Pessoa lhe escreve várias vezes falando do êxito

---

<sup>1</sup> Agradecimentos a Ana Melo do Gabinete de Estudos Olisiponenses e a Guilherme Pereira pelo apoio à pesquisa.

<sup>2</sup> bn-acpc-e-e3-15b-4-1-100\_0104\_51v\_t24-C-R0150.jpg

<sup>3</sup> Em novembro de 1916, GCJ participa com uma carta no livro *Factos e não Palavras. O sequestro do Dr. Da Cunha Dias*, em defesa do amigo que tinha sido objeto de um “internamento compulsivo” no manicómio do Telhal sendo depois enviado para o Hospital Conde de Ferreira, no Porto.

de escândalo do jornal *Acção*. Geraldo foi ainda, durante 3 anos, diretor técnico da Empresa Mineira de Porto de Mós.



Geraldo no jornal *Acção*, 1919

O NAN teria como objetivos, entre outros, «preparar e organizar as condições de uma boa política», «criar uma elite competente, capaz de governar, de administrar, de nos repor na civilização». Em 1920, a 13 de fevereiro, publica o artigo «Desorganização Industrial», de novo no jornal *O Tempo*.

Em 1920 Ofélia Queiroz refere-se à presença do Geraldo no escritório da firma “Valladas” onde ela trabalhava:<sup>4</sup>

«O Coelho de Jesus. Com este passou-se uma coisa engraçada. Ele conhecia-me lá do escritório, mas nunca se apercebeu, assim como ninguém, que eu namorava o

*Fernando Pessoa*  
Aproveitando a sua ausência, publicamos hoje o retrato do nosso director, pelo muito que quer ao «NUCLEO».  
N. A. N.

Fernando. Um dia seguiu-me na rua. Quando chegámos ao largo do Camões, aproximou-se de mim, cumprimentou-me e disse-me: “– Posso acompanhá-la, ou comprometo-a?” – “Compromete sim” respondi-lhe.»<sup>5</sup>

Ofélia refere ainda a presença no escritório de vários amigos de Pessoa, entre os quais Ferreira Gomes e um irmão de Coelho de Jesus. De facto, António Bento e Manuel Coelho de Jesus, para além de Geraldo e o sobrinho José Coelho Pacheco, constam de várias listas de Fernando Pessoa, provavelmente como potenciais “mecenas” ou acionistas da Olisipo.

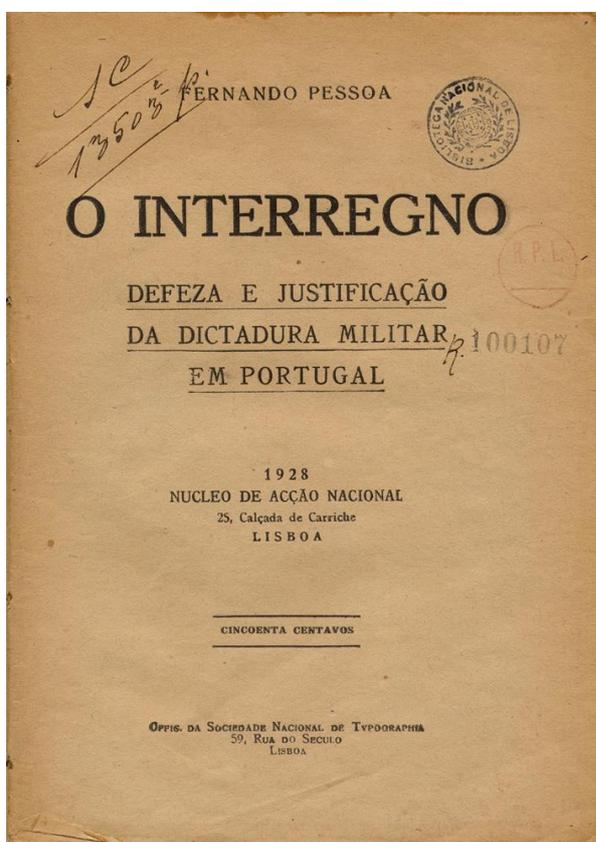
Nos anos 20, Geraldo parece ter passado largas temporadas na zona de Leiria, de onde a sua família era original. Em 1919 já se deslocava a Porto de Mós, e em 1922 é “Director Técnico” de duas fábricas da Empresa das Fábricas de Vidro da Marinha Grande. De acordo com uma comunicação pessoal do investigador Jorge Custódio, uma dessas fábricas «Era a fábrica de vidros A Central, fundada por José Ferreira Custódio Júnior

<sup>4</sup> Félix, Valadas e Freitas, Lda.

<sup>5</sup> In Fernando Pessoa, *Cartas de Amor*, Organização de David Mourão Ferreira, preâmbulo de Maria da Graça Queiroz, Lisboa, Edições Ática, 1978.

(1855-1919), em 1894. Esta fábrica, sob a gerência de Geraldo Coelho de Jesus, não se apresentou à Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922. Pelos vistos Geraldo deve ter tentado salvar a fábrica da sua situação financeira (...). Esta unidade vidreira foi uma fábrica notável, hoje completamente demolida para fazer um parque de estacionamento».

A 2 junho de 1923, Augusto Ferreira Gomes entrevista Geraldo para o jornal *Portugal: Órgão de Acção Nacionalista*, num artigo intitulado «A Renascença de Portugal — o que nos disse o sr. Geraldo Coelho de Jesus acerca da nossa indústria». Ferreira Gomes descreve Geraldo: “Técnico de ferro, praticou em Portugal e no estrangeiro — a fundo — a metalurgia. Tem dirigido explorações mineiras e fábricas de cimento; tem dirigido e estudado a indústria do vidro e o seu espírito tem-se prendido com problemas de organização geral”. A 16 junho no mesmo jornal, Geraldo assina o artigo “Para Haver Fomento” e a 23 de junho, sob o título “A Nossa Indústria do Vidro e dos Cristais de Luxo”, o n.º 4 do mesmo jornal publica um artigo e entrevista a Geraldo Coelho de Jesus, identificado como tendo sido, em 1922, “Director Técnico de duas fábricas da Empresa das Fábricas de Vidro da Marinha Grande”. O artigo é assinado por Carlos Sequeira, pseudónimo de Augusto Ferreira Gomes. A 1 de maio de 1925, Geraldo escreve ao diretor de *O Mundo*, a atacar João de Castro. O NAN publicará ainda, em 1928, um panfleto com o longo título: *O Nucleo de Acção Nacional Dirige-se Terminantemente á Nação. Primeiro Manifesto – O Interregno*. A autoria era do NAN, mas Fernando Pessoa viria mais tarde a assumir que o teria escrito:



A amizade entre Pessoa e Geraldo Coelho de Jesus mantém-se, e Pessoa, em carta de 8 março de 1927 a António Botto, escreve: «O Ferreira Gomes continua engarrafado. Foi outro dia a Almeirim e conseguiu estar dois dias bêbado dentro de um espaço de 24 horas. Geraldo Coelho de Jesus tem um automóvel novo, de aspeto admirável e que, não servindo exteriormente para atropelamentos do físico (o Geraldo conduz muito bem), serve interiormente para atropelamentos da moral (o Geraldo conduz-se muito mal).»

Geraldo passava longas temporadas em Paris. Em 1929 regressa a Portugal e mora durante sete meses na Rua da Conceição da Glória 9 r/c, Lisboa. A 18 de setembro casa com Germaine Georgette Raban, jovem francesa de 19 anos, tendo Fernando Pessoa sido testemunha pela noiva. Cópia do Registo de casamento que consegui obter no Registo Civil de Lisboa indica: «(...) Foram testemunhas presentes a todo este acto, as quais declararam querer ser considerados padrinhos, pela parte da noiva, *António Bento Coelho de Jesus*, viúvo, farmacêutico, irmão do noivo, morador na Av. Da República 97, 2.º andar e *Fernando Nogueira Pessôa*, casa (?), maior, escritor, morador na Rua da Prata n.º 71, 1.º andar,<sup>6</sup> e pelo noivo *Alberto Manuel Ferreira Couriago*, casado, comerciante, morador na Rua do Mundo, n.º 85 sobre-loja e *José Xavier de Velasco Celestino Soares*, casado, oficial do exército, morador na Av. Duque d'Ávila, 112, 4.º andar Dto., todos desta cidade».

Nesse dia, Pessoa escreve a Ofélia um “Requerimento em 30 linhas” que começa: “Fernando Pessoa, solteiro, maior abreviado, morador onde Deus é servido conceder-lhe que more, em companhia de diversas aranhas, moscas, mosquitos e outros elementos auxiliares do bom estado das casa e dos sonos...” Continuando neste teor, finaliza com: “Acabam as 30 linhas / Aqui devia pôr-se «Espera deferimento», mas não espera nada o /Fernando/ ABEL 18.9.29”. Dois dias depois, numa carta para Fernando Pessoa, Ofélia refere a ida de Pessoa à estação para se despedir de Geraldo, que provavelmente regressava a Paris.

Em outubro de 1930, é Augusto Ferreira Gomes, que está em Paris tentando reunir a documentação para casar, que escreve a Pessoa pedindo-lhe que tente saber quando o “Daldinho” tenciona regressar a Paris, pois tinha-se comprometido a ajudar nas burocracias. Queixa-se Ferreira Gomes ao amigo, a 15 de outubro: «(...) O ambiente, aqui (...) é magnífico, mas pelo que consta do Daldinho – os pedidos constantes de dinheiro aos sogros e dos quais a minha noiva tem sido a portadora — não posso colocar-me na mesma situação. (...) Faço uma vida de bairro, tranquila, com pouca despesa, mas apesar disso — e ao contrário do que o Daldinho me dizia, sou obrigado,

---

<sup>6</sup> Esta morada era dos escritórios da joalheria Moitinho, onde Pessoa trabalhou de 1924 a 1935.

antes de me casar a fazer despesas com que não contava»<sup>7</sup>. Por esta carta, parece provável que Marcelle, noiva de Ferreira Gomes e Georgette, de Geraldo, se conheçam. As idas e vindas de Geraldo devem ter sido muitas e as suas finanças pouco equilibradas...

Existe no espólio de Pessoa um horóscopo para o amigo Geraldo, mas, para além desse, num horóscopo feito para o amigo mútuo Augusto Ferreira Gomes, em rodapé, Pessoa escreveu: “Geraldo – miúdo: 13 de Dezembro 1922 / às 1,30 da noite”. Não foi possível encontrar qualquer indicação de que Geraldo terá tido um filho, nem a possibilidade de se tratar de um filho dum familiar.

Em 1935, Geraldo ainda se relaciona com Pessoa: no espólio de Pessoa existe uma tradução feita por Fernando Pessoa do relatório de uma visita a zonas mineiras de Alcobaça e Porto de Mós com investidores ingleses datado de 12 de agosto de 1935 e assinado por Geraldo Coelho de Jesus<sup>8</sup>. Os dois homens foram amigos até ao fim da vida de Pessoa, tendo Geraldo estado no seu funeral.

Geraldo é convidado para o casamento de Maria da Luz Leitão Pacheco, filha mais velha do sobrinho José Coelho Pacheco, que teve lugar a 31 de julho de 1946, mas não compareceu. Nessa altura já estava separado de Germaine. Geraldo Coelho de Jesus falece a 18 abril de 1949, de «sarcoma da anca», na casa onde então habita, na Av. António Augusto de Aguiar, n.º 179, Lisboa.

Ana Rita Palmeirim

---

<sup>7</sup> Pessoa, Fernando, *O Mistério da Boca do Inferno*, Edição Steffen Dix, Tinta-da-China Lisboa 1919, Pg.123

<sup>8</sup> bn-acpc-e-e3-137e-1-102\_0131\_65\_t24-C-R0150